

Pais assumem comando da escola

Conseguem aumentar os recursos para melhorar a infra-estrutura e ganham prêmio

Marina Oliveira
de Brasília
Especial para GZMDF

Cansados de esperar - por mais recursos do governo, pela mudança da diretoria ou do comportamento dos filhos - os pais resolveram arregaçar as mangas e estão tomando conta das escolas. Os resultados não poderiam ser mais expressivos.

Na Escola Classe da 312 Norte, a Associação de Pais e Mestres (APM) começou a se fortalecer em 1996. O motivo principal: aumentar os recursos disponíveis para melhorar o colégio. No ano seguinte, abriram vários cursos de Inglês, Computação e Judô. Com custos baixos, variando de R\$ 30 a R\$ 45 por mês, por duas horas semanais de aula, atraíram muita gente. No final de 1998, os cursos já contavam com 200 alunos matriculados, a maioria estudantes da própria escola.

O lucro financeiro foi todo reinvestido. Para ter uma idéia do que esse dinheiro representou para a escola, basta dizer que a em 1998 o colégio recebeu R\$ 4,3 mil do governo e R\$ 20 mil da APM. Esse capital extra foi transformado em computadores para a coordenação, sistema de informatização das matrículas e principalmente, capacitação dos professores.

A APM custeou a viagem e o curso de duas professoras das séries iniciais em uma ONG de Porto Alegre. Em parceria com a diretoria da escola contrataram a Universidade de Brasília (UnB) para ministrar um programa de aperfeiçoamento na área de geociências. Por interesse dos professores, ajudaram no pagamento do ex-frei Leonardo Boff, trazido até a escola para discutir religião e teologia.

"Não adianta ter vontade para mudar a situação da educação, dinheiro é fundamental e a associação de pais tem uma capacidade muito grande para trazer mais recursos para a escola", afirma Cília Cardoso, vice-diretora da Escola Classe da 312 Norte.

Todas essas inovações renderam ao colégio o prêmio nacional de gestão escolar no ano pas-

sado, promovido pela Unesco, União dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Conselho dos Secretários Estaduais de Educação (Consed).

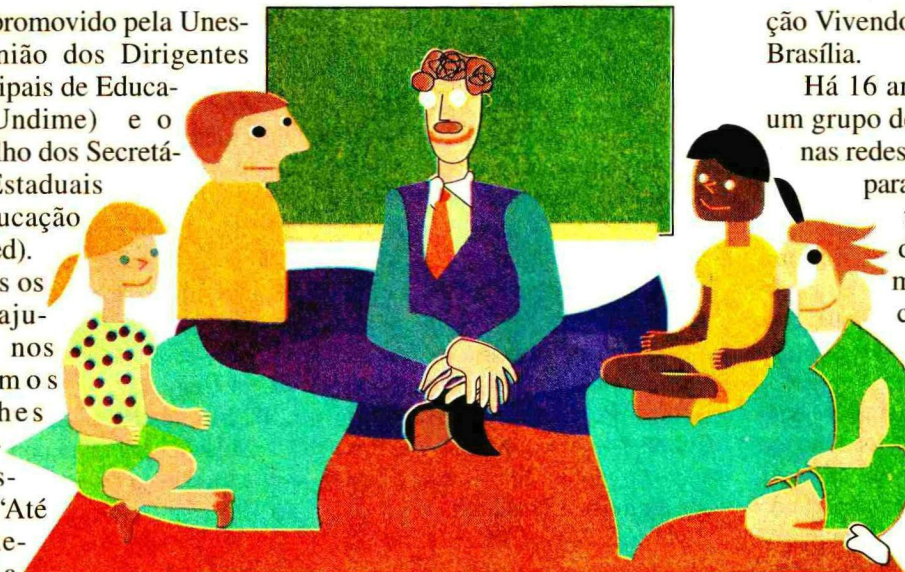
Mas os pais ajudam nos mínimos detalhes da vida escolar. "Até na merenda

eles dão opinião, sugerindo maneiras de incrementar o lanche das crianças, compram tempero, cachorro quente e coisas do tipo", conta Cília. Mas a APM também enfrenta dificuldades.

Segundo a diretora, a Fundação Educacional sempre implicava com os cursos, principal fonte de recursos da Associação. "Não sabemos qual será a postura do novo governo, mas costumávamos ouvir que não estava certo usar um prédio público para realizar cursos pagos", lembra. E argumenta: "se a APM não tem fins lucrativos e tudo que recebe vai para escola qual o problema?".

Mas o movimento dos pais para tomar conta dos colégios não se restringe a Brasília. O próprio Ministério da Educação (MEC) tem incentivado a formação de associações de pais e mestres pelo País. Em 1995, foi criado o Programa de Manutenção do Dinheiro na Escola (PMDE) para mandar recursos diretos para os colégios, que serviria para promover pequenas reformas, conserto de aparelhos e o que mais a comunidade julgasse necessário.

Em 1997, o ministério começou a exigir que as escolas tivessem uma associação de pais em funcionamento para receber essa ajuda. Isso fez explodir o número desses grupos. Em 1996, havia 27 mil entidades desse gênero em todo País; no ano seguinte esse número saltou para 47 mil e chegou ao final de 1998 em 55 mil.



ção Vivendo e Aprendendo, em Brasília.

Há 16 anos, ela juntou-se a um grupo de pais com crianças nas redes pública e particular para criar uma escola totalmente administrada e mantida pela família dos alunos. A cada mês faz-se um cálculo dos gastos e divide-se o total pelo número de crianças matriculadas. O resultado é a mensalidade paga por cada estudante que, em 1998, ficou em média em R\$ 215.

O Vivendo e Aprendendo trabalha somente com crianças de um a seis anos, na chamada educação infantil. A cada ano realiza-se uma eleição entre os associados para escolha de uma diretoria que administrará a escola por um ano. "Usamos os conhecimentos dos pais na escola, os que trabalham na área pedagógica atuam nesse campo, os da área financeira ficam com a contabilidade e assim por diante", explica Adélia.

Outra inovação: os professores não precisam ter formação de magistério. Eles são escolhidos por seu envolvimento com atividades importantes na escola, como a arte e a educação física. "Temos gente da área de fisioterapia, artes plásticas, música e psicologia trabalhando conosco". A própria escola se encarrega, então, de dar uma formação específica a estes profissionais em desenvolvimento infantil e pedagogia. Todos os professores da instituição têm nível superior completo ou estão em fase de conclusão de curso.

As duas filhas de Adélia frequentaram a Vivendo e Aprendendo. "Posso dizer que esse esquema permite uma educação simultânea dos pais e dos filhos", diz Adélia. Segundo ela, a participação e o acompanhamento do cotidiano da escola dá a família uma visão melhor das fases do desenvolvimento infantil. "Ninguém nasce sabendo tudo sobre como criar um filho, e essa experiência ajuda muito a gente", argumenta.

Há estados, como o Rio Grande do Sul, onde toda escola pública tem uma APM. "No começo somente as escolas com mais de 150 alunos, que precisavam da associação para receber o dinheiro, tinham uma entidade como essa, mas hoje há muitos casos de colégios com menos estudantes que fazem questão de ter uma associação de pais", diz Adalberto Domingos, subgerente de avaliação do programa.

Na visão do governo, o motivo por trás desse crescimento é simples: a comunidade tomou consciência do seu papel na melhoria da educação. Segundo uma avaliação feita pela Universidade de Campinas (Unicamp) em 1998, a participação dos pais na escola teve impacto positivo em 100% dos colégios visitados.

O dinheiro parece ter despertado os pais para os problemas da escola. Adalberto fala que no colégio de seu filho, uma escola pública do Distrito Federal, as famílias discutem acaloradamente o que fazer com os recursos repassados pelo programa. "A partir disso, surgem grupos muito atuantes constantemente ligados nas necessidades da comunidade", acredita.

Mas nem só pelo bolso se explica os benefícios trazidos pela participação dos pais para educação. "Normalmente existe uma distância entre o professor e a família que prejudica o ensino. Esse tipo de associação faz uma ponte importante", diz Adélia Pedreira, coordenadora pedagógica da Associação Pró-Educa-